

Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada

A Brief History Of Seventh-Day Adventist Visual Culture From 1830 To 1860: The Use Of Religious Images By A Text-Centered Movement

Allan Macedo de Novaes

Resumo

O presente artigo apresenta um breve relato histórico e bibliográfico sobre o desenvolvimento de uma cultura visual adventista entre os anos 1830 a 1860 sob a perspectiva da influência exercida pela orientação textocentrada do movimento. Para tanto, fala-se da cultura das publicações impressas e de produções visuais do milerismo, movimento de reavivamento norte-americano do século 19 que pregava a volta de Jesus em 1843-1844, contexto do qual o adventismo emergiu. Depois, o texto se concentra em descrever uma breve história da cultura visual milerita e adventista, suas características e a influência da orientação textocentrada na produção de diagramas ilustrados que, na tradição milerita-adventista, eram um sofisticado esquema de texto-imagem de narrativa linear.

Palavras-chave: cultura visual; imagens religiosas; adventismo; protestantismo.

Abstract

This paper presents a brief historical and bibliographic account on the development of an Adventist visual culture between the years of 1830 to 1860 from a perspective of the text-centered orientation of the movement. To that end, the paper describes the print-driven vocation and the visual culture of the Millerism, a nineteenth-century American revival movement that preached Jesus' return in 1843-1844, a context from which Adventism emerged. Afterwards, the text describes a history of Millerite and Adventist visual culture, its characteristics and an influence of the text-centered orientation on the production of illustrated diagrams which, in the Millerite-Adventist tradition, were a sophisticated text-image scheme of linear narrative.

Keywords: Visual Culture; Religious Images; Adventism; Protestantism.

I Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Contato: allanmnovaes@gmail.com. Artigo recebido em 31/03/2018 e aprovado em 17/09/2018.

1. Introdução

A experiência de ser adventista do sétimo dia, movimento religioso cristão originário do contexto protestante/evangélico norte-americano do século 19, passa pelo manejo e familiaridade com o texto sagrado. No entanto, mesmo sendo uma denominação com forte ênfase na cultura letrada e nas publicações impressas, o adventismo também apresentou uma interessante história de desenvolvimento iconográfico em seus primórdios. Sua gênese está ligada ao milerismo, movimento interdenominacional de reavivamento e pregação sobre a volta de Jesus na década de 1840 nos Estados Unidos, liderado pelo batista William Miller (1782-1849).

Assim como o protestantismo *mainstream* da época, os mileritas investiram bastante em folhetos, panfletos, livros e periódicos para difundir sua mensagem, cujo foco era anunciar o retorno de Jesus à Terra inicialmente em 1843. Contudo, para além das tradicionais publicações impressas, o milerismo também desenvolveu uma expertise em complementar seus textos e discursos com recursos visuais que propunham ajudar a decodificar os símbolos e ícones das profecias apocalípticas bíblicas. Nessa empreitada, os mileritas desenvolveram elaborados diagramas ilustrados² que integravam texto e imagem em uma organização esquemática de narrativa linear. Descrever e analisar a influência da presença da orientação textocentrada na construção da cultura visual milerita, herdada pelos adventistas, é o objetivo do presente artigo.

Para tanto, o texto divide-se em três partes. Em um primeiro momento, fala-se sobre a cultura da palavra no protestantismo, contexto do qual o milerismo e o adventismo emergem, a fim de identificar as raízes da relação religiosa com os universos textuais e imagéticos. Em um segundo momento, apresenta-se uma breve história do adventismo, com foco no legado milerita e na orientação textocentrada do movimento. Depois, o texto se concentra em descrever uma breve história da cultura visual milerita e adventista entre os anos 1830 a 1860 nos Estados Unidos. Para fins didáticos e editoriais, essa seção se reparte em duas subdivisões: a primeira, de 1830 a 1840, que se concentra na cultura visual do milerismo, e a segunda, de 1850 a 1860, cujo foco é a cultura visual no início do adventismo.

2. A cultura da palavra no protestantismo

A cultura protestante, muito mais do que a católica, tem sido uma “cultura da palavra” (BURKE, 2010, p. 306), e sua gênese teve estreita relação com a invenção da imprensa, em 1450. Nesse sentido, Lutero e Calvino podem ser considerados devedores a Gutenberg, pois “tiveram as suas obras popularizadas, em parte, graças à mais ampla e eficaz divulgação que esta nova forma de impressão possibilitou” (COSTA, 2008, p. 124). Não é à toa que uma das

2 A partir de agora, será usado o termo “diagramas ilustrados” como tradução para a palavra *charts*, usada na literatura primária e secundária para se referir às produções visuais mileritas e adventistas. O presente autor acredita que “diagramas ilustrados” reflete melhor a lógica esquemática dos *charts*, diferentemente de outras traduções possíveis – e mais simples – como “gráficos” ou “tabelas”.

algunhas do protestantismo é a “religião do livro”³, dada a importância que seus líderes e adeptos conferiam à Bíblia, que se tornou rapidamente o principal elemento da identidade protestante. Diante disso, percebe-se que conceito da *sola scriptura* no protestantismo concedeu ao texto e, conseqüentemente, às publicações impressas um status sacro, o que gerou manifestações iconoclastas em relação às plataformas de comunicação não baseadas na palavra escrita no decorrer da história (ABUMANSUR, 2011; DYRNESS, 2001; EIRE, 1996; KOERNER, 2004).

Após a Reforma, como analisa Klein (2006, p. 74), “a palavra de Deus passa, desse modo, a monopolizar a manifestação do Sagrado, transformando-se no meio único de conhecer a Deus”⁴. Em outras palavras, a fé protestante consistia, como descreve Mendonça (2008, p. 144), na ideia de que “a leitura da Bíblia, por si só, não somente instrui os indivíduos na religião, mas é instrumento de conversão”. Por conta de seu apego ao livro – fosse ele a Bíblia, a confissão de fé ou as publicações religiosas –, o protestantismo fez necessária a formação de um clero letrado e culto, com competências para lidar com o texto em seus escritos, homilias e hinários (CAMPOS, 2004, p. 148 e 2008, p. 8; MATOS, 2005, p. 72). É por isso que a cultura da palavra também fez do protestantismo o hábitat perfeito para “a cultura do sermão” (BURKE, 2010, p. 302). “Por causa da supremacia da palavra”, comenta Klein (2006, p. 75), “a experiência sensorial do culto protestante é fundamentalmente auditiva”, especializando-se na pregação. No protestantismo, o sentido da visão raramente encontra seu lugar na liturgia, e “o divino passou a ser representado pela linguagem verbal” no pregar, no ouvir, no ler e no cantar (CUNHA, 2007, p. 42).

Todavia, é preciso ressaltar que a cultura da palavra não impediu o desenvolvimento de uma cultura visual no protestantismo. Segundo Morgan (2015, p. 42), o “mito do aniconismo protestante” – a ausência de imagens para retratar o mundo religioso – resultou, dentre outros fatores, dos episódios iconoclastas do século 16 e da teologia de reformadores como Calvino e Zwinglio, que defendiam a incapacidade das imagens de ensinarem a verdade cristã. Essas razões, no entanto, não fizeram com que protestantes deixassem de usar imagens religiosas em seu cotidiano, sejam na educação religiosa nos lares, na evangelização através de livretos e folhetos ou nas homenagens a pioneiros, mártires e reformadores. Para Morgan (2015, p. 45), não se pode associar aniconismo a protestantismo porque a Reforma “inaugurou uma nova missão para as imagens em uma nova economia do sagrado”. Enquanto católicos promoviam um comércio de imagens baseado na devoção aos santos, na indulgência e na peregrinação, protestantes substituíram esse sistema por um “ambicioso tráfico de informação sacra”, uma vez que “não é mais o que você oferece [...] que assegura o favor divino, mas o que você sabe é que conta” (MORGAN, 2015, p. 49). Logo, os meios de comunicação – sejam eles textuais ou visuais – agiam sob o pressuposto de transmissão de informação. Já que na teologia protestante quaisquer atos de devoção seriam incapazes de alcançar o favor divino e que as bênçãos de Deus seriam dadas pela graça sem elementos meritórios, o conhecimento

3 Termo empregado por Leonard (2002), que descreve o protestantismo como pretendendo ser iconoclasta em relação a outras formas de se comunicar para além do texto. Em seu artigo sobre a relação entre evangélicos e a mídia, Campos (2008) também se vale dessa alcunha.

4 Klein (2006, p. 74) pega emprestado de Vilém Flusser o termo “textolatria” para referir-se ao comportamento restrito e excludente que pode derivar da cultura da palavra no protestantismo.

obtido por meio da leitura e ensino da Bíblia substituíram as confissões, indulgências e as penitências como elementos salvíficos.

Contudo, na cultura visual protestante o papel do texto ainda continuava central, uma vez que em ilustrações, diagramas e outros recursos visuais protestantes havia a presença funcional e integrada do texto. A palavra estabelecia um contexto para a imagem, direcionando e restringindo seu campo de significados (MORGAN, 2015, p. 53). Esse diálogo – e às vezes dependência – da imagem para com o texto no protestantismo também se manifestou na relação do adventismo com o imagético, como será desenvolvido na seção seguinte.

3. O adventismo como movimento de orientação textocentrada

Assim como a Reforma Protestante do século 16, o adventismo também tem sua gênese ligada à centralidade do texto bíblico e à valorização da mídia impressa. Dessa forma, entende-se o termo “orientação textocentrada”⁵ no presente artigo como sendo a ênfase no texto e na cultura letrada em detrimento de outras formas de conhecimento e saber e a ênfase na mídia impressa em desvalorização a outras mídias – ambas características resultantes da centralidade da Bíblia no discurso eclesiástico e na experiência religiosa. Obviamente, a ênfase textocentrada não elimina do discurso e da prática religiosa outras facetas, como a imagético-visual, por exemplo. Mas estabelece proeminência, foco e/ou noção de hierarquia do texto e da mídia impressa sobre outros meios – questões presentes na cultura adventista, como será evidenciado a seguir.

É conhecido que o movimento milerita, do qual o adventismo emergiu, nasceu de um estudo sistemático e intenso da Bíblia por William Miller durante dois anos, nos quais ele se desafiou a ler a Bíblia verso por verso e a passar de uma passagem para a outra somente quando o texto em questão fosse devidamente compreendido. De posse apenas de sua Bíblia e de uma concordância, Miller acabou desenvolvendo interpretações de certa forma inéditas de textos de Daniel e Apocalipse⁶. Essa ênfase na investigação “exaustiva” da Bíblia no milerismo seria uma das marcas mais expressivas do adventismo, proporcionando ao movimento condições de desenvolver todo seu conjunto de crenças teológicas.

A característica mais peculiar de mensagem de Miller era o fato de ele ter estabelecido um período para o regresso de Cristo: em torno de 1843 a 1844. Primeiramente definiu-se o ano de 1843. Depois, com a ajuda de colaboradores, definiu-se a data de 22 de outubro de 1844⁷. A marcação de datas não era algo incomum aos reavivamentos americanos, mas a proeza

5 Aqui fiz uma adaptação do termo de Campos (2008, p. 7), que chama o protestantismo de movimento religioso “livrocentricamente” orientado.

6 Para mais informações sobre a biografia de Miller e seu relacionamento com as escrituras ver Bliss (1853), Rowe (2008) e Knight (2015).

7 Miller anunciou, primeiramente, que Jesus regressaria em torno de 1843 e, depois, com base em revisão de cálculos, ele estabeleceu o intervalo entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Após 21 de março de 1844, com base em um artigo escrito do ministro congregacionista Samuel Snow que se valia do calendário judaico caraíta para fazer contas mais “precisas”, foi marcado o dia 22 de outubro de 1844 em um contexto de pressão e expectativa (NUNES, 2008, p. 63 e 64; KYLE, 2012, p. 61). Timm (2000, p. 55 e 160) registra cerca de 20 datas marcadas pelos mais diversos grupos de mileritas para a volta de Jesus, mas a mais significativa e que configurou o que se chama de “O Grande Desapontamento” foi 22 de outubro de 1844.

de Miller foi não apenas ter cativado a imaginação do povo, arregimentando dezenas de milhares de pessoas para seu movimento, mas também tê-lo feito através de uma rede de publicações impressas com de alta capilaridade.

O impacto social e religioso do movimento milerita, para além da atratividade de uma mensagem apocalíptica e do carisma de Miller, se deveu à eficiência de Joshua Himes (1805-1895), misto de relações públicas e gerente de publicações do movimento. Considerado um dos gênios da comunicação dos Estados Unidos dos anos 1840 e chamado de “Napoleão da imprensa” por seus detratores, Himes foi um dos grandes responsáveis por converter a pregação de Miller em fenômeno nacional (KNIGHT, 2015, p. 70). Himes dominava o estado da arte da tecnologia de comunicação da época e, em uma fase na qual a publicação e a distribuição de impressos nos Estados Unidos ainda estava engatinhando, ele conseguiu criar os fundamentos de uma literatura milerita, mantendo revistas de periodicidade semanal por boa parte da América (KNIGHT, 2015, p. 71). Visionário, Himes viu que as principais revistas que reproduziam conteúdos mileritas, *Signs of Times* e *Midnight Cry*, eram um instrumento para o desenvolvimento de uma comunidade que cria na iminente volta de Jesus, que ocorreria em 1844, como se cria à época (KNIGHT, 2015, p. 72).

Nas semanas que precederam 22 de outubro de 1844, a urgência tomou conta dos adeptos. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 49) narram que “colheitas foram deixadas de recolher; batatas não escavadas; lojas foram fechadas; operários demitiram-se de suas funções”, nada era mais importante do que o “fato” de que Jesus viria em poucos dias. Na manhã de 22 de outubro, estima-se que cerca de 100 mil pessoas aguardavam o retorno de Jesus em seus lares ou em templos religiosos, sem contar os quase um milhão de espectadores céticos (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 45; TIMM, 2000, p. 19). As horas se passaram, o dia acabou e Cristo não veio, gerando desespero e frustração nos crentes e provocando zombaria e escárnio dos detratores. Diante desse cenário, o 22 de outubro de 1844 ficou conhecido no círculo adventista como o dia do “Grande Desapontamento”.

Os adventistas – aqui definidos ainda apenas como crentes mileritas que pregavam o segundo advento de Cristo em 1844 – dividiram-se em várias direções. Boa parte voltou às igrejas de origem ou às igrejas influentes da época, enquanto os que não abandonaram sua fé na mensagem do segundo advento se dividiram basicamente em quatro grupos: (1) os que criam que havia sido cometido mais um erro de contagem cronológica e, por isso, continuaram sugerindo novas datas até que o grupo se dissipasse completamente; (2) os chamados “espiritualizadores”, que acreditavam que Cristo tinha regressado à Terra em 22 de outubro de 1844 mística e espiritualmente apenas; e (3) os que acreditavam que data estava correta, mas ainda buscavam compreender a qual evento ela se referia, já que a volta de Cristo estava “descartada”.

Miller acabou aderindo ao primeiro grupo a fim de escapar do “fanatismo” dos espiritualizadores, mas se recusou a participar da marcação de novas datas para o retorno de Jesus. O terceiro grupo, o menor dentre os pós-mileritas e que ainda procurava compreender a natureza do evento de 1844, daria origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esse grupo pequeno, todavia, arrogaria para si o status de verdadeiro herdeiro do movimento milerita e de sua doutrina.

O adventismo manteve não somente o legado de pregação de foco escatológico e a ênfase no estudo das Escrituras de Miller e companhia, como também herdou uma natureza direcionada à publicação impressa, demonstrando uma grande afinidade com esse meio de comunicação (MANNERS, 2009, p. 63; MORGAN, 1999, p. 37). Por essa razão, mesmo com a dissolução da maior parte dos adeptos do milerismo após o “Grande Desapontamento”, o grupo remanescente que daria origem à Igreja Adventista do Sétimo dia permaneceu unido e ativo através de publicações impressas que procuravam ressignificar o evento (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 69). Exemplo disso foi a publicação por Joseph Bates (1792-1872), por um dos pioneiros adventistas, de um folheto de 40 páginas intitulado *The opening heavens*, em maio de 1846. No ano seguinte, Bates e o casal de fundadores do adventismo James White (1821-1881) e Ellen White (1827-1915) produziram sua primeira publicação conjunta – *A Word to a Little Flock* – com o intuito de fortalecer os mileritas que ainda acreditavam na mensagem do advento e também endossar o dom de receber sonhos e visões que acreditavam que Ellen White possuía (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 71).

O momento mais importante para o desenvolvimento do adventismo em sua relação com a página impressa, contudo, aconteceu em novembro de 1848, em Dorchester, Massachussets. Nesse dia, Ellen White teria recebido uma visão, na qual Deus indicava que havia chegado o tempo para iniciar um pequeno jornal e distribuí-lo ao povo e, segundo o comando divino, a responsabilidade para levar adiante o projeto deveria ser de James White (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 71). Esse jornal seria publicado em 1849, sob o nome de *Present Truth*, considerado o primeiro periódico adventista do sétimo dia, cujo foco era “o desenvolvimento das primeiras doutrinas distintivas adventistas sabatistas, com ênfase na natureza permanente do Decálogo e do sábado” (TIMM, 2000, p. 64). Depois dele, James White publicaria outro, de nome *Advent Herald*. Uma vez que se acreditava que as publicações foram fruto direto de revelações sobrenaturais, ficaria evidente, portanto, a relação “sacral” que o adventismo possuía com o texto e com a mídia impressa. A visão de Ellen White implicava, de certa forma, que a publicação impressa tinha recebido o selo de aprovação divina, isto é, o texto impresso seria uma mídia legítima e permissível para fins missionários.

Eles [os adventistas] entendem que esse [a visão de 1848] foi o impulso original vindo por orientação divina, para que o ministério de publicações tivesse seu início. Historicamente falando, não há como negar que esse tenha sido o marco inicial que sustentou a atividade de produzir e distribuir literatura ao longo do tempo, desde as dificuldades do seu humilde começo, até se constituir num ramo sólido e próspero do ministério adventista (CARNASSALE, 2015, p. 21).

A junção das publicações *Present Truth* e *Advent Herald* deu origem ao periódico que se tornaria o primeiro órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo dia, a *Second Adventist Review and Sabbath Herald*, que teve seu nome mudado várias vezes até se tornar *Adventist Review*, embora historicamente seja chamada pelos membros apenas de “Review” (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 74). Por muitos anos a “Review” foi a igreja para a maior dos

8 Manners (2009, p. 63) chama a Igreja Adventista do Sétimo dia de “print-driven church”.

adventistas sabatistas espalhados pela América pós-desapontamento, gerando um senso de pertencimento e unidade (MANNERS, 2009, p. 69), uma vez que a Igreja Adventista do Sétimo Dia só iria surgir como instituição legal em 1863.

Cabe ressaltar que Ellen White era uma entusiasta das publicações, não somente por conta das visões e sonhos que ela recebeu a respeito, mas também por ser uma escritora prolífica (MANNERS, 2009, p. 70). Durante sua vida, ela escreveu 26 livros, 200 folhetos, cinco mil artigos de periódicos, totalizando após sua morte mais de setenta mil páginas (PATRICK, 2014, p. 91). Com o passar do tempo, os periódicos adventistas e os escritos de Ellen White produziram com relativo êxito uma unidade doutrinária e teológica não esperada pelas previsões da época, dado o espalhamento dos adeptos do movimento milenarista. Por onde se expandia, o adventismo estabelecia editoras. Boa parte das atribuições do primeiro missionário adventista além-mar, John Nevins Andrews, era traduzir publicações adventistas para idiomas da Europa não-anglófona. E muitos dos missionários adventistas em terras estrangeiras eram colportores, isto é, vendedores itinerantes de publicações adventistas. Esse foi justamente o caso do Brasil. A Igreja Adventista do Sétimo Dia estabeleceu-se em terras brasileiras na década de 1890 por meio do trabalho da colportagem⁹ e da distribuição de folhetos e publicações missionárias (GREENLEAF, 2011 e CARNASSALE, 2015). Levando em conta esse cenário, Manners (2009, p. 63) chega a afirmar que embora todas as igrejas cristãs de uma forma ou de outra usem a imprensa como meio de comunicação, em poucas organizações a mídia impressa desempenhou um papel tão fundamental na origem, desenvolvimento e consolidação como no adventismo:

O primeiro período do discurso adventista foi definido pela página impressa, começando com a Bíblia e as interpretações de textos bíblicos [...]. Até recentemente, com a introdução de formas mais visuais de mídia, um alto nível de alfabetização ainda é requerido em várias partes do mundo para estar completamente envolvido e ter completa compreensão do adventismo. Mesmo com uso de outras formas de mídia, as demandas de leitura permanecem altas. A Bíblia se conserva como o texto básico, os membros são encorajados a ler os escritos de Ellen White e os adventistas mantêm um forte programa de publicações.

Esse paradigma textocentrado do adventismo gerou elementos peculiares no contexto missiológico e eclesiológico da denominação, sendo o mais destacado entre eles o papel do estudo da Bíblia como elemento identitário da denominação. Em termos missiológicos, a primeira prática que merece destaque é a do “estudo bíblico”, termo popularizado pela igreja e que “indica o estudo da Bíblia ministrado a uma pessoa ou a um grupo de pessoas não adventistas, geralmente na forma de perguntas e respostas apoiadas em passagens bíblicas” (SILVA, 2002, p. 5). O “estudo bíblico”, portanto, é requisito para a adesão do membro e consiste basicamente em instrução cognitivo-intelectual. Preparo doutrinário e conhecimento

⁹ A colportagem é uma atividade evangelística tradicional vinculada ao Ministério de Publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que consiste na venda de livros religiosos e de saúde com fins evangelísticos. Há colportores efetivos, cuja colportagem é sua profissão regular, e há os colportores estudantes, que participam de campanhas de colportagem durante períodos de férias escolares para custear seus estudos.

escriturístico mínimo são exigidos de todo interessado antes do batismo (SILVA, 2002, p. 17 e 18). E, mesmo após o batismo, o estudo do texto bíblico permanece como um dos elementos mais importantes do cotidiano do membro adventista, por meio dos cultos diários familiares e dos estudos da Bíblia em “pequenos grupos¹⁰”, e da liturgia adventista¹¹, seja por meio da “Escola Sabatina”¹², ou por meio do sermão no momento do “Culto Divino”¹³.

Evidências dessa centralidade do texto bíblico antes e depois da conversão são retratadas no estudo etnográfico feito por Keller (2005) em uma comunidade adventista de Madagascar, mas que podem ser representativos, guardadas as devidas proporções, das culturas adventistas em outros países. Para ela, “os adventistas não são apenas engajados com o estudo da Bíblia; eles também definem o que significa ser adventista em termos de conhecimento da Bíblia” (KELLER, 2005, p. 117). A autora objetivou compreender o que gerava um nível de comprometimento de longo prazo nos membros adventistas do país africano. Sua principal conclusão foi a de que a principal força de fidelização do adventismo está na vida intelectual do crente, que passa a enxergar no estudo do texto bíblico “uma estrada para a iluminação¹⁴” (KELLER, 2005). A leitura e o estudo dos textos bíblicos, afirma Keller (2005, p. 115), são, portanto, a principal motivação dos adventistas para continuarem engajados na doutrina e prática da denominação após a conversão. Não à toa os adventistas do sétimo dia por muito tempo nutriam o rótulo de “povo do Livro”, “povo da Bíblia” ou “povo que conhece a Bíblia” (KELLER, 2005, p. 117; TIMM, 2001; KNIGHT, 2005, p. 59).

Portanto, pode se considerar que, somando (1) o legado do *sola scriptura* e da cultura da palavra da Reforma Protestante (2) a herança deixada pelo movimento milerita de ênfase no preparo e divulgação da mensagem bíblica através do texto impresso, (3) a compreensão “profética” e sobrenatural da importância da publicação impressa no cumprimento da missão adventista mediante os sonhos e visões de Ellen White, e (4) o papel que os escritos impressos dos pioneiros tiveram para a consolidação da identidade da organização, o movimento adventista manifesta em sua origem social e teológica uma orientação textocentrada e uma cultura da palavra mais intensa do que a percebida em parte considerável dos demais movimentos religiosos protestantes/evangélicos.

É preciso ressaltar, entretanto, que essa cultura da palavra adventista não contempla a iconoclastia típica de outros movimentos religiosos de matriz protestante – ao menos em seu começo. O milerismo, mesmo focado nas Escrituras e na plataforma impressa, se valia do uso

10 Pequeno grupo é o nome dado aos encontros, geralmente semanais, para o estudo da Bíblia em temas, realizados na maioria das vezes na própria casa dos membros, com a presença de amigos, vizinhos e outros interessados. É uma adaptação da ideia de “célula” das igrejas evangélicas.

11 Uma análise breve, mas interessante sobre a centralidade do estudo da Bíblia e a importância da cultura oral na liturgia adventista pode ser encontrada em Bull e Lockart (2007, p. 221-243).

12 Escola Sabatina, a exemplo da Escola Dominical protestante, é o momento de estudo da Bíblia na Igreja Adventista do Sétimo Dia aos sábados, através da Lição da Escola Sabatina, que é um guia de estudo de temas e livros da Bíblia. Durante a Escola Sabatina, diferentemente do momento do sermão, estimula-se a interação e a participação de todos.

13 O Culto Divino é o momento reservado à adoração, através de hinos, aos anúncios e comunicações pastorais, à realização de cerimônias religiosas (apresentação de crianças, ordenação de anciãos, entre outras), culminando no sermão, momento considerado o mais importante.

14 “A Road to Clarity”, no original em inglês, que é o título da obra de Keller (2005).

de imagens para a divulgação de sua mensagem. O estudo de Morgan (2015) apresenta o desenvolvimento da cultura visual milerita e adventista em sua relação com a teologia que elaborava, com a centralidade do texto bíblico que defendia e com o cenário de produção de publicações em massa da América do século 19. Tomando como base esse estudo, a próxima seção procura descrever elementos de uma cultura visual adventista sob a perspectiva da influência exercida pela orientação textocentrada.

4. A cultura visual milerita e adventista(1830-1860)

Diferentemente de diversas vertentes do protestantismo da época, que associavam imagens religiosas à idolatria e ao “erro romanista”, os mileritas usavam fartamente figuras, gráficos e diagramas ilustrados para representar de forma popular e acessível as intrincadas profecias de Daniel e Apocalipse.

Em uma série de artigos de revista e jornais, ilustrações de livros, e imagens e tabelas pintadas e litografadas, adventistas de 1840 até o século 20 têm produzido elaboradas apresentações visuais de sua doutrina central do curso do tempo desde os dias do pronunciamento profético da antiguidade até o iminente fim do mundo (MORGAN, 1999, p. 134).

Cabe esclarecer, todavia, que diagramas ilustrados sobre profecias não eram inéditos àquela época e já existiam antes mesmo da Reforma. Em se tratando da tradição protestante, desde o século 16 figuras e diagramas com interpretações de Daniel e Apocalipse apareciam como recursos didáticos em volumes de comentário bíblico ou mesmo em gravuras em tabletes de madeira usadas para aulas ou pregações. Em geral, os diagramas protestantes eram caracterizados por serem mais esquemáticos do que pictóricos, apresentando alto nível de organização sistêmica, arranjo geométrico de elementos e integração entre texto e imagem (MORGAN, 1999, p. 134).

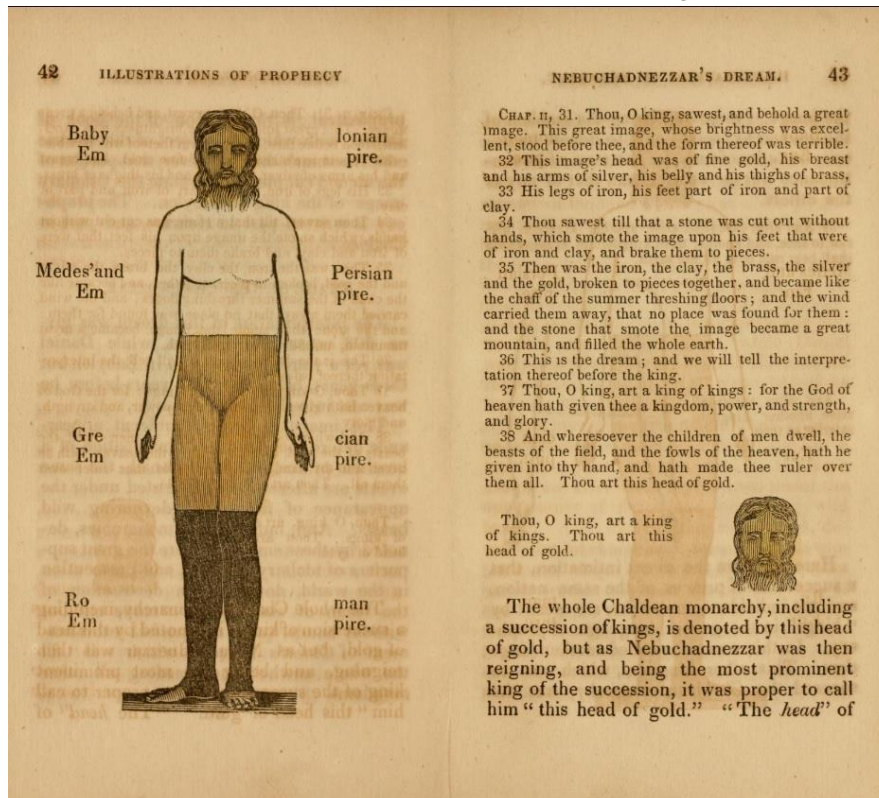
Tal qual parte dos protestantes, a ênfase dos diagramas mileritas e adventistas também recaía sobre a esquematização e não sobre o pictórico em si. Entre os anos 1830 e 1860, os recursos visuais mileritas e também adventistas eram “altamente esquematizados”, consistindo em “organizações tipicamente lineares de texto e imagens emblemáticas”, com o espaço pictórico sendo “eliminada em favor de informações gráficas registradas horizontalmente ou verticalmente” (MORGAN, 1999, p. 136). A partir dos anos 1870, identifica-se uma ênfase mais pictórica e artística que, entre outras funções, seria usada para ornamentação das casas dos crentes e para a educação religiosas nos lares (MORGAN, 1999, p. 177).

Conforme o estudo de Morgan (1999) e verificando a produção milerita e adventista de diagramas ilustrados e demais recursos visuais é possível dividir o intervalo 1830-1860 em dois períodos: o primeiro com as produções visuais do milerismo até o movimento se extinguir (1830-1840); e o segundo com as produções adventistas de ênfase esquemática antes da transição para o foco pictórico (1850-1860). Dessa forma, as seções seguintes irão explorar características desses dois breves períodos, principais exemplos de peças e figuras e sua relação com a orientação textocentrada.

4.1. A cultura visual milerita (1830-1840)

Originalmente, os primeiros escritos de Miller eram apenas texto. Em 1833, ele publicou um livro com os resultados de sua investigação sobre as profecias bíblicas, intitulado *Evidences from Scripture and History of the Second Coming of Christ About the Year A. D. 1843, and of His Personal Reign of 1000 Years*¹⁵. Várias edições foram publicadas posteriormente – 1835, 1836 e 1840 – na forma de livro ou panfleto, mas nenhuma delas era ilustrada (MORGAN, 1999, p. 137). Em 1840, um estudioso da apocalíptica bíblica de Boston chamado David Cambell¹⁶ publicou o livro *Illustrations of prophecy: particularly the evening and morning visions of Daniel, and the apocalyptic visions of John*¹⁷. Nele, o autor fazia exegese de textos apocalípticos com críticas à determinadas interpretações de Miller se valendo da presença farta de ilustrações dos símbolos proféticos, como a estátua de Daniel 2 (ver Figura 1¹⁸) ou a besta com dentes de ferro e dez chifres de Daniel 7 (ver Figura 2) (CAMBELL, 1840).

Figura 1: Estátua de Daniel 2 (CAMBELL, 1840, p. 42 e 43)



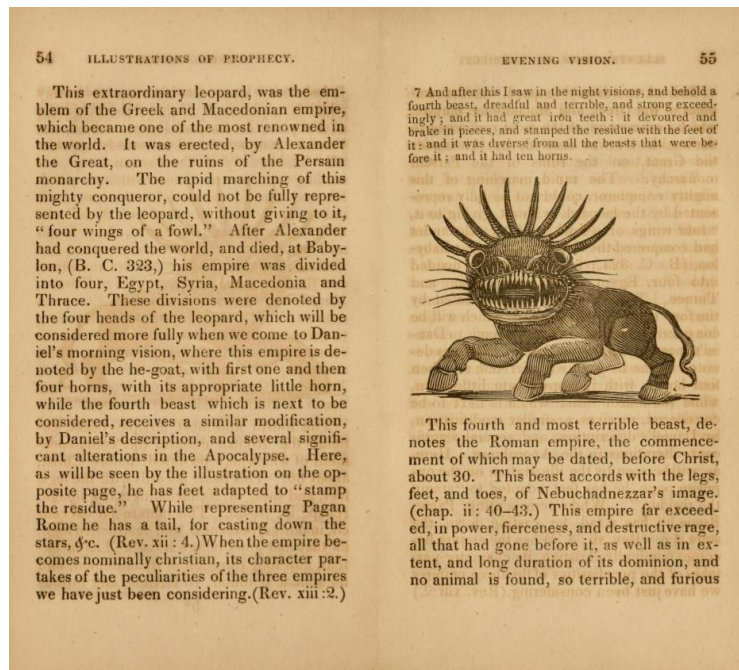
15 A ser mencionando neste artigo daqui em diante apenas de *Evidences*.

16 Também há registros de que o nome era escrito Campbell. Morgan (1999), por exemplo, apresenta a grafia com o "p" em seu livro.

17 A ser mencionando neste artigo daqui em diante apenas de *Illustrations of prophecy*.

18 Muitas figuras da obra de Cambell podem ser encontradas escaneadas com certa qualidade em <https://lexiconmag.com/content/illusprophecy.html>.

Figura 2: Besta de Daniel 7 (CAMBELL, 1840, p. 54 e 44)



Miller teve acesso ao livro de Cambell e publicou um artigo em resposta às ideias da obra no periódico milerita *Signs of the Times and Expositor of Prophecy*, na edição de primeiro de abril de 1840. A réplica de Cambell saiu na edição seguinte da mesma revista, de 15 de abril, na qual ele usa uma das ilustrações de seu livro para reforçar um de seus argumentos. A tréplica milerita foi feita pelo pregador Josias Litch na edição de primeiro de maio, aparentemente encerrando a discussão. Apesar das divergências interpretativas sobre passagens de Daniel e Apocalipse, havia muito mais afinidades do que dessemelhanças entre a teologia de Cambell e de Miller e seus parceiros, de forma que as ilustrações de Cambell passaram a ser utilizadas nas publicações mileritas ainda em 1840. As imagens de Cambell aderiram tão intimamente ao discurso milerita que acabaram tornando-se componentes indissociáveis de ensino e argumentação do movimento (MORGAN, 1999, p. 140).

Quando Miller publicou em 1841 trechos de sua obra *Evidences* em forma de artigos nas edições dois e três do segundo volume da *Signs of the Times*, ele se valeu de diversas imagens de *Illustrations of prophecy* de Cambell (ver Figura 3). Os recursos visuais de Cambell caíram como uma luva para Miller, que buscava combater o rótulo de complicação e mistério que envolvia as profecias bíblicas na época (HATCH, 1997, p. 119; MORGAN, 1999, p. 143 e 145). Miller acreditava na interpretação literalista do texto sagrado, portanto entendia que as metáforas e símbolos das profecias tinham uma correlação com elementos da natureza e eventos e fatos históricos (MILLER, p. 3 e 4). A apropriação das ilustrações de Cambell era uma estratégia didática que deixava a linguagem apocalíptica mais acessível, tornando mais inteligível os "mistérios" das profecias de Daniel e Apocalipse na literatura milerita.

19 A ser mencionando neste artigo daqui em diante apenas de *Signs of the Times*.

Figura 3: Capa da *Signs of the Times* de 15 de abril de 1841²⁰



O uso do imagético para clarificar a doutrina milerita de 1840 a 1842 levou seus pregadores e evangelistas a incorporarem as figuras a um dispositivo único, em que texto e imagem estivessem sincronizados (MORGAN, 1999, p. 145). Isso ocorreria por conta de dois pregadores mileritas, Charles Fitch e Apollos Hale, que elaboraram um grande diagrama pintado em lona para apresentar em uma conferência milerita em 1842 na cidade de Boston (BATES, 1847, p. 12). O diagrama continha um esquema com explicações das visões de Daniel e Apocalipse, mesclando texto, número e imagens em uma narrativa linear, feita para conduzir e direcionar a pregação sobre as profecias²¹. Bates (1847, p. 12), comentando o episódio, afirma que mediante a ideia da dupla estava se cumprindo a palavra bíblica de Habacuque 2:2: “Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo”²². A apresentação de Fitch e Hale fez grande sucesso no encontro, ao ponto de ser votado de forma unânime a compra de 300 diagramas em litografia, sendo imediatamente incorporados como recursos pela maioria dos pregadores mileritas (BATES, 1847, p. 12; MORGAN, 1999, p. 145). Himes tomou a frente do processo de produção desses diagramas e os fez em litografia e em preto e branco ainda no mesmo no da conferência. Contudo, em 1843, um dos anos em que a volta de Jesus era esperada, Himes imprimiu mais uma versão desse diagrama, mas agora pintado à mão, com o título *Chronological Chart of the Visions of Daniel & John*, como exposto na Figura 4. Essa peça numérica-imagética-textual inauguraria a tradição milerita e adventista de uso de diagramas ilustrados para a explicação de profecias bíblicas.

As informações em palavras, números e figuras estavam distribuídas por colunas verticais. O diagrama apresentava uma linha do tempo também vertical na margem esquerda

20 Imagem escaneada de Morgan (1999, p. 141).

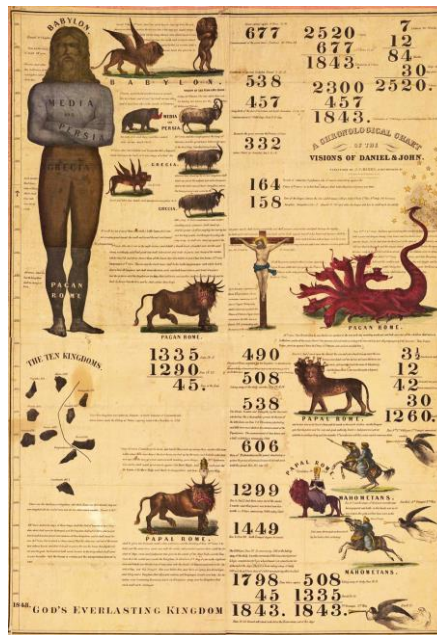
21 Não se tem a imagem do diagrama de Fitch e Hale apresentado na conferência de Boston em 1842. Contudo, o diagrama de 1843 (ver Figura 4) publicado por Joshua Himes é baseado naquele que a dupla de pregadores mileritas criou.

22 Versão Almeida Corrigida Fiel.

com datas referentes às eras históricas da antiguidade até a modernidade: de 700 a.C. a 1843 d.C., período no qual Miller acreditava que as principais profecias de Daniel e Apocalipse se cumpririam. Blocos de textos conduzem a “leitura”, que se iniciava pela estátua de Daniel 2 na parte superior esquerda até chegar aos pedaços de barro e ferro da estátua com pequeno título “Dez reinos”. A coluna seguinte traz imagens de animais – como o urso, o leopardo, o leão, o bode – de Daniel 7 e 8 que seriam correlatos às partes da estátua da coluna anterior. Na interpretação milerita, tantos os animais de Daniel 7 e 8²³ como a estátua de Daniel 2 representavam reinos da Babilônia²⁴, Média/Pérsia, Grécia e Roma. Abaixo dessas figuras destaca-se a besta que aparece tanto em Daniel 7 quanto 8, semelhante à desenhada por Cambell (ver Figura 2), passando pelas interpretações mileritas de demais capítulos de Daniel.

Nas colunas seguintes, figuras como a crucifixão de Cristo e a besta de sete cabeças de Apocalipse 13, entre outras, estabelecem conexões com as figuras e informações das colunas anteriores ao passo que definem o início de períodos histórico-proféticos, que se traduzirão nos 37 números que aparecem no diagrama, sendo sete deles esquemas de adição ou subtração em sua maioria. Destacam-se nessas sete contas o número 1843, que aparece como soma ou produto em quatro delas, reforçando o objetivo principal do diagrama e do discurso milerita: alertar as pessoas para a iminência da segunda vinda de Jesus.

Figura 4: *Chronological chart of the visions of Daniel & John*²⁵, de 1843



23 Na interpretação milerita de Daniel 8, Roma é representada não por um animal, mas por um chifre que sai de um dos animais.

24 Na interpretação milerita, o único reino representado por um animal em Daniel 2 (o leão) e que não é representado por nenhum animal em Daniel 8 é a Babilônia.

25 Imagem obtida em: <http://the2520.com/original_1843_prophecy_chart.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

Em suma, os diagramas mileritas apresentavam três características marcantes, não presentes ou não contempladas com a mesma intensidade nas produções protestantes da época. A primeira, de caráter estético, consistia no uso da litografia em vez de gravura em madeira, que era bem comum até então²⁶, e a presença de imagens coloridas, contundentes e com teor de fantasia. A segunda característica, de natureza linguística, é a construção de um esquema sofisticado de texto-número-imagem ou texto-imagem como roteiro e guia para a exposição oral. E, como terceira característica, a sacralização do gênero “diagrama ilustrado” devido a uma compreensão teológica do cumprimento profético e do caráter bíblico do uso de recursos imagéticos na pregação.

Acerca da primeira característica, vale destacar que coube a Himes a ideia de baratear os custos dos diagramas ilustrados e facilitar sua logística de transporte ao investir em litografia. A troca de madeira por lona proporcionou mais flexibilidade e praticidade aos pregadores itinerantes do milerismo, que agora conseguiam se deslocar com seus materiais para discursar em espaços públicos, casas e igrejas com maior facilidade. Contudo, a popularidade dos diagramas ilustrados em lona com seus animais fantásticos e assustadores também foi associada, pelos críticos do milerismo, a comportamentos lunáticos e sensacionalistas (MORGAN, 1999, p. 161).

Sobre a segunda característica, é importante salientar que, na realidade, esse entrelaçamento entre texto e imagem não era perfeitamente equilibrado. A cultura visual milerita era peculiar e, de certa forma, única, também porque continuava hierarquicamente submissa ao texto. As imagens eram em várias dimensões subservientes ao texto, primeiramente porque sua confecção provinha majormente de descrição textual, em segundo lugar, porque só fazia sentido se acompanhadas ou orientadas por passagens bíblicas e breves excertos explanatórios e, por último, porque para serem devidamente assimiladas careciam de explicação oral com leitura de textos que seguiam um roteiro explicativo linear. De acordo com Morgan (1999, p. 152 e 153), os gráficos e diagramas ilustrados adventistas eram uma forma de tornar a imagem “textualizada”, validando-a e “autorizando-a como escriturística”. Logo, as ilustrações de bestas, chifres e estátuas não eram consideradas fruto da criatividade e imaginação, mas uma conversão fiel da descrição textual da Bíblia. Em outras palavras, as produções visuais mileritas e adventistas poderiam ser encaradas, para usar um termo mais simplório, como uma espécie de “texto-imagem”.

Essa influência da orientação textocentrada encontra eco na terceira característica dos diagramas ilustrados do milerismo. A exemplo de outros mileritas, ao acreditar que transformar as profecias em diagramas ilustrados estava em concordância com textos bíblicos como os de Habacuque 2:2, Bates entendia que o uso de recursos imagéticos para estudar as profecias era a melhor forma de ser fiel ao texto bíblico. Uma vez que a visão do profeta bíblico, imagética por natureza, foi convertida em texto nas Escrituras, para muitos dos mileritas e primeiros adventistas fazia total sentido ilustrar as visões e sonhos de Daniel²⁷ e João. Afinal de contas, aos olhos de mileritas e pioneiros adventistas, as Escrituras em sua

26 Ver Morgan (1999, p. 146).

27 Em sua autobiografia, Bates (1927, p. 180) denomina as visões em Daniel 7 e 8 de “profecias pictóricas”.

grande parte eram tentativas de profetas e escritores inspirados de registrarem cenas e imagens que lhes haviam sido dadas por Deus em seus sonhos e visões.

No caso dos gráficos adventistas, essa transposição da visão para o texto significava um entrelaçamento entre textos bíblicos e formas visuais na fabricação de uma interpretação sistemática da profecia. Os diagramas combinavam signos gráficos, alfabéticos e numéricos em somente um campo visual. As formas de representação discrepantes estavam integradas de tal forma que uma pessoa poderia ler as imagens e ver a palavra falada. Para Bates e seus companheiros adventistas nos anos 1840, escrever a visão significava primeiro transcrever em texto (cumprido em Habacuque) e depois visualizá-la uma vez mais em imagem (MORGAN, 1999, p. 152).

Mais do que estratégia comunicacional eficaz, as imagens e ilustrações eram vistas pelos mileritas como um recurso que respeitava a essência da profecia bíblica – simbólica, visual e iconográfica em sua natureza.

O uso de imagens fez mais do que simplesmente ilustrar ideias religiosas arcanas. Os exegetas mileritas acreditavam que Deus tinha escolhido usar símbolos gráficos visuais para revelar o esquema progressivo da história. Imagens pictóricas eram um meio apropriado de explicação enquanto preservavam as características originais da revelação (MORGAN, 1999, p. 145).

Na verdade, a visualização das imagens tornava-se a melhor forma – a única talvez – de compreender plenamente o texto bíblico. Provavelmente essa é uma das razões mais convincentes para justificar a inovação e a profusão dos diagramas ilustrados mileritas: a imagem é sacralizada e autorizada porque é fruto da descrição do texto sagrado e, concomitantemente, permite acesso mais pleno ao significado dele. Paradoxalmente, o uso da imagem é legitimado pela “limitação” do texto em fornecer seus sentidos sem apoio imagético, de forma que as figuras dos animais de Daniel e João nos diagramas *são* os animais das visões, pois “vemos o que Daniel e João viram” (MORGAN, 1999, p. 153). E, ao vermos o que os profetas viram, compreendemos melhor o texto profético. Esse raciocínio se torna ainda mais reforçado quando se observa que Ellen White declarou ter tido uma visão a respeito do diagrama ilustrado de 1843 (ver Figura 4). Ela afirma que “o diagrama de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que ele não deve ser alterado; que as figurações eram o que Ele desejava que fossem”²⁸ (WHITE, p. 94).

Com o “Grande Desapontamento” e com a dissolução do movimento milerita, o grupo remanescente que daria origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia lutava para ressignificar 1844 ao mesmo tempo que mantinha a crença na volta de Jesus e na precisão dos cálculos proféticos de Miller e colaboradores. Consequentemente, o papel dos diagramas ilustrados também foi reconfigurado nessa nova fase pós-milerismo, que correspondia à formação do adventismo do sétimo dia. Um dos resultados foi o acréscimo de uma característica dos diagramas ilustrados às já citadas aqui, como será desenvolvido no tópico a seguir.

28 A visão teria ocorrido em setembro de 1850.

4.2. A cultura visual adventista (1850-1860)

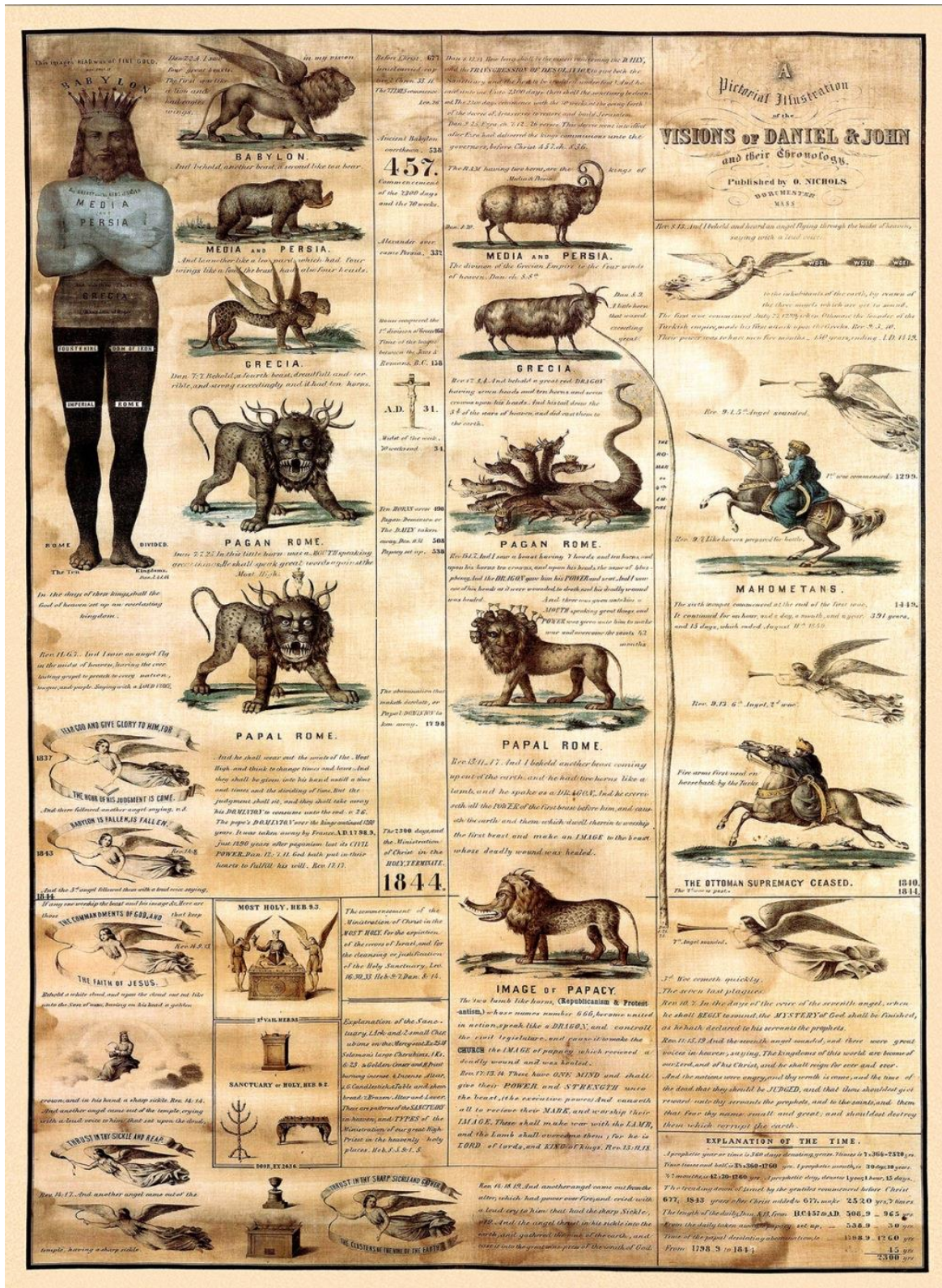
Após o “Grande Desapontamento”, os diagramas ilustrados no início do adventismo ganharam uma conotação de bandeira da agenda teológica do movimento. O adventismo investia em duas frentes, a saber, a ressignificação do que havia ocorrido em 1844 e a introdução de uma nova crença – a observância do sábado em vez do domingo – que não fazia parte do milerismo. Ambas as ideias resultavam em um afastamento – intencional – do protestantismo tradicional norte-americano, de forma que os diagramas produzidos após 1844 até o início de 1850 fortaleciam esse senso de identidade [MORGAN, 1999, p. 163].

Seguindo essa lógica, as principais formas de criar coesão doutrinária e senso de pertença à espalhada comunidade adventista pós-1844 se dava através das publicações organizadas por James White, das correspondências de Ellen White, das viagens que ambos faziam e, também, dos sonhos e visões que ela tinha. A essa lista, seriam agregados também os diagramas ilustrados. Em agosto de 1850, o pregador adventista Samuel Rhodes apresentou um novo diagrama ilustrado que ele tinha concebido. O casal White apreciou o trabalho de Rhodes. Em novembro do mesmo ano ela declarou ter tido uma visão na qual Deus sancionava a produção do diagrama de Rhodes e que o mesmo deveria ser produzido e distribuído [GRAYBILL, 1984, p. 11]. Otis Nichols, um ex-milerita que trabalhava com litografia produziu o material.

Uma das principais mudanças do diagrama de 1850 (ver Figura 5) concebido por Rhodes em relação aos anteriores era a inclusão de figuras e textos que apresentavam a compreensão teológica adventista de sua identidade e missão pós-1844. Destaca-se a presença, na parte inferior à esquerda, próximo ao número “1844”, de ilustrações de elementos do santuário israelita (candelabro, altar, etc.), que apontavam para a reinterpretação adventista da missão milerita e do que havia acontecido em 22 de outubro de 1844. A perspectiva adventista partia da premissa de que o tabernáculo israelita dos tempos bíblicos era uma figura de um santuário celestial literal. Consequentemente, o adventismo compreendia 1844 como o período em que Cristo havia feito a passagem de um compartimento do santuário para outro, marcando o início do juízo divino que, encerrado, daria início à segunda vinda de Cristo²⁹. Há destaque também para as figuras de anjos que, segundo a interpretação adventista de Apocalipse 14, também conhecidas como “as três mensagens angélicas”, descrevem a missão dos adventistas até a volta de Jesus, destacando-se o anúncio do juízo divino.

29 Embora a teologia adventista defina o início do juízo divino como tendo se iniciado em 22 de outubro de 1844, ela estabelece que não é possível precisar a data de seu término e, por conseguinte, do retorno de Jesus.

Figura 5: A pictorial illustration of the visions of Daniel & John and their cronology³⁰, de 1850



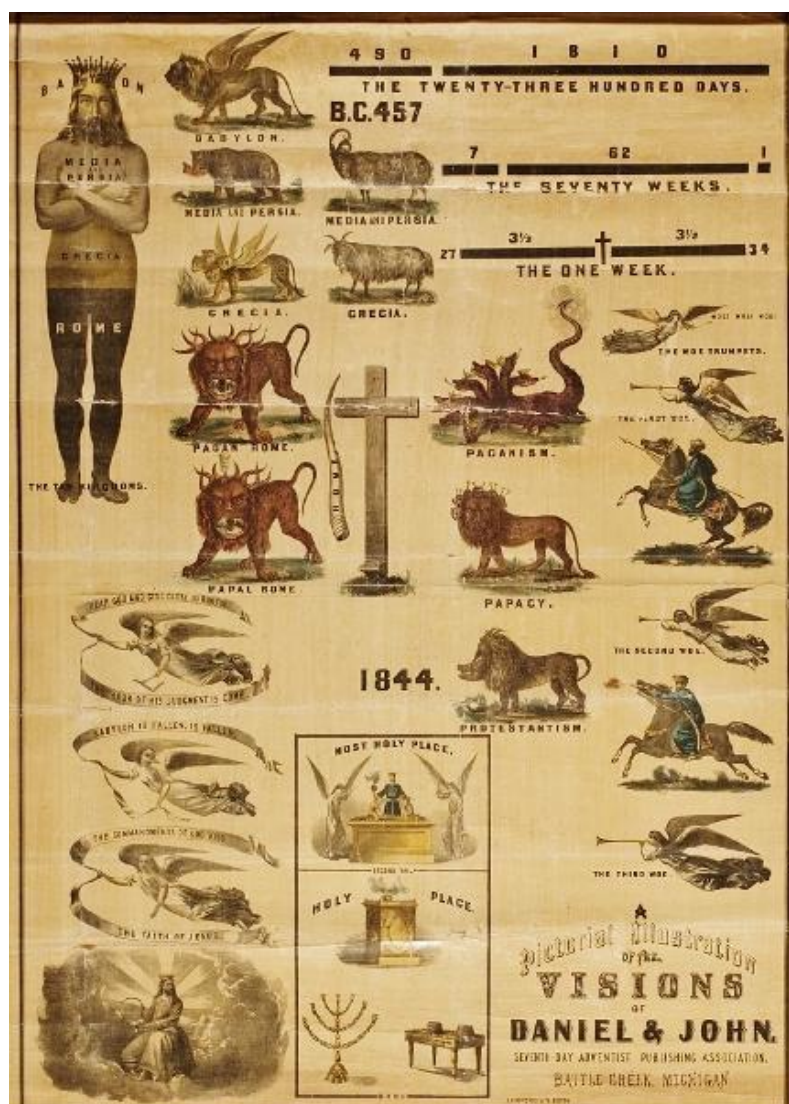
30 Imagem obtida em: <http://the2520.com/original_1850_prophecy_chart.htm>. Acesso em: 8 out. 2018.

Diante da realidade de que os diagramas estavam diretamente ligados a legitimação das novas perspectivas teológicas adventistas e à consolidação do posicionamento do movimento em relação aos demais grupos pós-mileritas, ao protestantismo tradicional e mesmo à cultura “secular” dos Estados Unidos da época, o casal White procurou ter cada vez mais controle do design e da concepção dos diagramas. Um exemplo disso ocorreu três anos depois do diagrama de 1850, quando Rhodes se uniu a outro adventista, Hiram Case, apresentou um novo design para produzir um diagrama maior e que chamasse mais a atenção. Ellen White, no entanto, não aprovou a empreitada, criticando uma espécie de criação de “fábrica” de diagramas ilustrados.

Meios foram gastos em fazer diagramas ilustrados [*chart*, no original em inglês] e formar imagens desagradáveis e repugnantes para representar anjos e o glorioso Jesus. Essas coisas que vi foram desagradáveis para Deus. Vi que Deus estava com o irmão Nichols por ocasião da publicação do diagrama ilustrado [referência ao diagrama de 1850]. [...] Vi que esses gráficos pintados tiveram um efeito ruim sobre a congregação. Isso causou um leve espírito de ridículo no encontro (WHITE, 1853, p. 359 e 360).

Após o estoque de diagramas ilustrados publicados em 1850 se esgotarem, provavelmente por questões financeiras, já que a produção desses materiais não era barata (LAND, 2015, p. 29), foram produzidos apenas livros, folhetos e panfletos. Contudo, uma versão reduzida do diagrama de 1850 foi publicado por James White em 1858, inaugurando uma nova utilidade para esses recursos visuais: antes produzidos como exegese oral e instrumento de evangelização para pregadores adventistas, passaria a servir também como decoração e ferramenta de educação religiosa nos lares dos fieis adventistas (LAND, 2015, p. 29; MORGAN, 1999, p. 171-173).

Coincidindo com o ano em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi oficialmente organizada, em 1863 James White lançou um diagrama ilustrado, intitulado *A Pictorial Illustration* sendo uma espécie de atualização do esquema profético de Daniel e Apocalipse de 1850. Mais de uma década de experiência no ensino da mensagem adventista desde o diagrama de 1850 trouxe a necessidade de enfatizar ainda mais as concepções e interpretações pós-milerismo. Dessa forma, as figuras dos anjos representando as “três mensagens angélicas” e dos elementos do santuário celestial, que apontavam o início do juízo divino em 1844, ficaram maiores e mais visíveis no diagrama de 1863 (ver Figura 6).

Figura 6: *A pictorial illustration of the visions of Daniel & John*³¹, de 1863

Além disso, outro destaque importante é a ausência de blocos de texto pela primeira vez na trajetória de diagramas ilustrados mileritas e adventistas. Pretendia-se ressaltar mais as imagens e seu apelo para grandes audiências. Essa é uma transição muito importante no impacto da orientação textocentrada sobre a cultura visual adventista. Todavia, ainda que com a ausência do texto no campo visual do diagrama, ele se fazia presente em uma espécie de guia ou roteiro doutrinário-teológico que passou a acompanhar o material em 1864, chamado *Key to the Prophetic Chart*. Elaborado por Uriah Smith (1832-1903), editor da *Review and Herald* à época, o guia foi distribuído a todos os que adquiriram o diagrama ilustrado e o usavam em sermões e palestras. Ele servia como um compêndio doutrinário que reforçava a interpretação adventista da Bíblia e das profecias e tornava ainda mais intensa a padronização da exegese oral dos textos sagrados feitas pelos pregadores da denominação (PALMER, 2012).

³¹ Imagem obtida em: <<http://www.biblepicturepathways.com/the-1863-prophecy-chart.php>>. Acesso em: 8 out. 2018.

Não foi à toa que, com a supervisão dos White e com o estabelecimento oficial da denominação a partir de 1863, os diagramas ilustrados passaram a funcionar como bandeiras da doutrina adventista, distinguindo o ortodoxo do heterodoxo e rechaçando interpretações que não possuísem a chancela da liderança eclesiástica (MORGAN, 1999, p. 177).

Dessa forma, além das características já mencionadas nas décadas de 1830 a 1840 – inovações estéticas, a elaboração de esquemas texto-imagem e a sacralização dos diagramas ilustrados – soma-se, nos anos 1850 a 1860, o uso do diagrama como bandeira da ortodoxia, fazendo com que essas peças fossem porta-vozes oficiais do discurso e da doutrina adventista.

5. Considerações finais

Mesmo fruto da cultura da palavra protestante e da tradição milerita de potencializar o alcance da mensagem religiosa através de publicações populares em mídia impressa, o adventismo do sétimo dia desenvolveu uma cultura visual peculiar entre os anos 1840 a 1860. Como movimento de vocação apocalíptica, o adventismo compreendeu que o uso milerita de diagramas ilustrados e esquemas pictóricos para explicar as profecias bíblicas era não apenas uma forma atrativa e acessível de comunicar a mensagem do segundo advento de Cristo, como também configurava uma representação mais acurada da visão dos autores bíblicos. Por isso, investindo no uso – até então incomum – de litografia para apresentar símbolos proféticos de Daniel e Apocalipse, o adventismo criou sofisticados diagramas que intercalavam textos bíblicos, cálculos proféticos e imagens de animais fantásticos para proporcionar à audiência meios mais inteligíveis de compreensão dos textos apocalípticos. Por outro lado, como um movimento de orientação textocentrada, a produção de diagramas ilustrados era diretamente afetada e conduzida pelo texto, seja pela presença intensa de versos bíblicos ou excertos explicativos, seja porque para se assimilar seu conteúdo era necessária explicação oral baseado em um roteiro explicativo linear.

No entanto, a partir de 1850, após o fim do movimento milerita, o adventismo construía seu próprio núcleo teológico-doutrinário, os diagramas ilustrados passaram a funcionar não somente como atrativas ferramentas de evangelização. Eles também começaram a operar como símbolos da ortodoxia adventista, ao validar e estabelecer interpretações do movimento sobre a Bíblia, e ao promover uma padronização da exegese oral que pregadores faziam ao usar os diagramas em seus sermões.

Dessa forma, percebe-se que, mesmo diante de uma cultura visual peculiar, a orientação textocentrada do adventismo levou-o a direcionar a imagem em função do texto. Essa criação peculiar de uma imagem “textualizada” ou “texto-imagem” reflete uma idiosincrasia milerita e adventista que diz muito sobre como o movimento entende a si mesmo em relação a sua missão e sua identidade.

A partir de 1870, uma nova fase da cultura visual adventista teve início, marcada pela transição dos esquemas imagético-textuais para o pictórico. Essa fase contempla uma participação mais intensa de Ellen White sobre a produção de ilustrações e outros recursos visuais que, dentre outras implicações, projetam luz sobre a relação da denominação com uma série de fenômenos, processos e elementos da cultura. Um deles se refere a relação conflituosa dos adventistas com mídias e/ou produtos midiáticos cuja imagem é predominante, como

fotografia, ainda na época de Ellen White, e cinema, televisão, e outros, após o falecimento da pioneira, que merecem estudos posteriores³². De qualquer forma, estudar a cultura visual adventista mostra-se um componente importante para compreender a natureza, identidade e missão do movimento adventista e seus pressupostos e motivações ao se relacionar com a cultura de seu tempo.

Referências

ABUMANSUR, Edin. Matrizes filosóficas da teologia da arte. In: MARIANI, Ceci; VILHENA, Maria Angela (orgs.). *Teologia e arte: expressões da transcendência, caminhos da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

ASHCRAFT, W. Michael. Progressive millennialism. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford handbook of millennialism*. New York: Oxford University Press, 2011, pp. 44-65.

BATES, Joseph. *Life of Joseph Bates: an autobiography*. Takoma Park: Review and Herald, 1927.

_____. *Second advent waymarks and high heaps*. or a connected view of the fulfillment of prophecy by God's peculiar people from the year 1840 to 1847. New Bedford: Press of Benjamin Lindsey, 1847. Disponível em: <<http://adventpioneerbooks.com/Text/pioneer/JBATES/WAYMARKS.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2018.

BULL, Malcolm e LOCKHART, Keith. *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American dream*. Bloomington, USA: Indiana University Press, 2007.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMBELL, David. *Illustrations of prophecy: particularly the evening and morning visions of Daniel, and the apocalyptic visions of John*. Boston: David Cambell, 1840. Disponível em: <<https://archive.org/details/illustrationsof00camb/page/n1>>. Acesso em: 4 out. 2018.

CAMPOS, Leonildo. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, mar./mai. 2004, pp. 146-163.

_____. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Revista de Estudos de Religião*, ano 8, set. 2008, pp. 1-26.

³² Um desses estudos é o do presente autor (Novaes, 2016), que estabelece conexões entre marcas identitárias adventistas, uma delas sendo a orientação textocentrada, e a relação conflituosa que os adventistas construíram com a televisão.

CARNASSALE, Hélio. *O papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

COSTA, Herminsten. O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. *Ciências da religião – história e sociedade*, v. 6, n. 2, 2008, pp. 123-145.

CUNHA, Magali. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X e Instituto Mysterium, 2007.

DYRNESS, William. *Visual faith: art, theology and worship in dialogue*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001.

EIRE, Carlos. *War against the idols: the reformation on worship from Erasmus to Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GRAYBILL, Ron. Picturing the prophecies. *Adventist Review*, v. 161, n. 27, pp. 11-14.

GREENLEAF, Floyd. *Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HATCH, Nathan. Millennialism and popular religion in the Early Republic. In: SWEET, Leonard (ed.). *The evangelical tradition in America*. Macon: Mercer University Press, 1997, pp. 113-133.

HUTCHINS, Zachary. *Inventing Eden: primitivism, millennialism and the making of the new England*. New York: Oxford University Press, 2014.

KELLER, Eva. *The road to clarity: Seventh-day Adventism in Madagascar*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

KLEIN, Alberto. *Imagens de culto e imagens de mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KNIGHT, George. *Adventism: origem e impacto do movimento milerita*. Tatuí: São Paulo, 2015.

_____. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KOENER, Joseph. *The reformation of the image*. London: Reaktion Books, 2004.

KYLE, Richard. *Apocalyptic fever: end-time prophecies in modern America*. Eugene: Cascade Books, 2012.

LAND, Gary. Art. In: LAND, Gary (ed.). *Historical Dictionary of Seventh-day Adventists*. Rowman & Littlefield: Lanham, 2015.

LEONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 2002.

MANNERS, Bruce. *Publish or perish: the role of print in the Adventist community*. Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Muller, 2009.

MATOS, Alderi. *A caminhada cristã através da história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa: Ultimato, 2005.

MENDONÇA, Antonio. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008.

MILLER, William. *Evidences from Scripture and History of the Second Coming of Christ about the Year A. D. 1843, and of His Personal Reign of 1000 Years*. Brandon: Vermont Telegraph Office, 1833. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hs35TI>>. Acesso em: 04 out. 2018.

MORGAN, David. *Protestants & Pictures: religion, visual culture, and the age of American mass production*. New York: Oxford University Press, 1999.

_____. *The Forge of Vision: a Visual History of Modern Christianity*. Oakland: University of California Press, 2005.

NOVAES, Allan. *O problema adventismo-televisão: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e cultura*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NUNES, Alceu. *O dia da Sua vinda: movimento apocalípticos e a expectativa da volta de Cristo*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2008.

PALMER, Susan. *Unraveling Adventist Prophecy: the History and Meaning of the Millerite Charts*. Novembro de 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1OzM6h1>>. Acessado em: 31 mar. 2018.

PATRICK, Arthur. Author. In: AAMODT, Terrie, LAND, Gary e NUMBERS, Ronald (eds.). *Ellen Harmon White*. New York: Oxford University Press, 2014, pp. 91-109.

SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009.

SILVA, Paulo Cilas. *Série de estudos bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: breve história e análise comparativa de seu conteúdo*. Tese (Doutorado em Teologia Pastoral) – Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, São Paulo, 2002.

TIMM, Alberto. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2000.

_____. Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia? *Revista Adventista*, jun. de 2001, pp. 14-16.

WITHAM, Larry. *A City Upon a Hill: How Sermons Changed the Course of American History*. New York: Harper One, 2007.

WHITE, Ellen. *Primeiros escritos*. Hagerstown: Ellen G. White Estate, 2013. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2018.

_____. *Manuscript releases*, v. 13, n.1068, pp. 359-360. Disponível em: <<https://m.egwwritings.org/en/book/67.2139#2104>>. Acesso em: 8 out. 2018.